

SEXUALIDADE NO CLIMATÉRIO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Jacqueline Silva Santos¹
Lucas Barreto Pires Santos²
Alba Benemerita Alves Vilela³

INTRODUÇÃO

O cuidado, voltado à saúde da mulher, em todo o mundo, evoluiu acentuadamente na segunda metade do século passado. No Brasil, ele foi sendo incorporado às políticas nacionais a partir da década de 70 do século XX, sendo que nos anos 80 foi lançado o documento “Assistência Integral à Saúde da Mulher: Bases de Ação Programática” que ancorou o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM) de 1984 (BRASIL, 2008; BRASIL, 2011).

Esse programa, embora com ênfase em aspectos da saúde reprodutiva, incorporou o ideário feminista, com propostas de ações dirigidas à atenção integral da saúde da mulher em todas as fases da vida, isto é, da adolescência a senilidade (incluindo o climatério), tentando romper com o modelo de atenção em vigor (BRASIL, 2008). Em 1994, foi lançada a Norma de Assistência ao Climatério e, em 1999, a Área Técnica de Saúde da Mulher do Ministério da Saúde (MS) incluiu, no seu planejamento estratégico, a atenção à saúde da mulher acima de 50 anos, embora nenhuma ação específica tenha sido realmente implementada para esse público.

Somente na década seguinte o MS adicionou um capítulo específico sobre climatério no documento Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM), formulando também o Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa (BRASIL, 2008), política essa que orienta sobre a qualificação das ações de prevenção, assistência e recuperação da saúde da população feminina através de abordagens que considerem a integralidade do cuidado e os direitos sexuais e reprodutivos (SCHONHOLZER et al., 2017).

O Ministério da Saúde (MS) considera que a sexualidade é um conceito que ultrapassa

¹ Enfermeira. Mestra em Enfermagem pelo Programa de pós-graduação associado em Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Universidade Pernambuco (UPE) jack_laane@hotmail.com;

² Enfermeiro. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), doutorando em Enfermagem pela Universidade do Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) lucas.barretopires@hotmail.com;

³ Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará (UFCE), Professora do Departamento de Saúde II do Campus Jequié da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) abavilela@uesb.edu.br.

o ato sexual e o corpo físico, sendo uma fonte de prazer, que propicia, desde o nascimento, o sentir, o perceber e o comunicar. Ela perpassa sentimentos, história de vida, costumes, relações afetivas e culturais, englobando, portanto, aspectos físicos, psicoemocionais e socioculturais, que se expressa, de diferentes formas, em todas as etapas de vida das mulheres (BRASIL, 2013)

As mulheres no climatério com um conhecimento limitado sobre o próprio corpo, principalmente o sistema reprodutor, não sabem expressar a diferença entre um climatério/envelhecimento natural de um patológico, o que prejudica ainda mais o seu bem-estar, sua QV, pela sua “incapacidade” de procurar auxílio (MARTÍNEZ-GARDUÑO et al., 2016).

A resposta sexual é complexa e inclui fases como o desejo, excitação e orgasmo. Entretanto, apesar dessas fases poderem ser avaliadas e classificadas isoladamente, a origem de uma disfunção costuma ser multifatorial e nas que ocorrem no climatério a deficiência de hormônios pode não ser a única causa de alterações no desejo e na excitação sexual (AUSTRALASIAN MENOPAUSE SOCIETY, 2016).

Na avaliação de problemas na esfera sexual, durante o climatério, deve-se considerar o contexto psicológico, cultural, biológico, estilo de vida, fatores religiosos, dificuldades no relacionamento com o parceiro/a, efeitos colaterais de medicamentos, principalmente os psicotrópicos, comorbidades, além das particularidades da vida sexual pregressa (CAVALCANTI et al., 2014).

Esse contexto multifatorial reforça a necessidade, por parte do profissional de saúde, de fortalecer o apoio e o acolhimento, sem preconceitos, para que as mulheres se sintam à vontade para externar suas dificuldades sexuais, e suas possíveis causas, e para que elas compreendam melhor sua situação vivencial, inclusive quando de uma disfunção sexual (DIAS et al., 2018).

Como os profissionais não se sentem confortáveis para encarar a temática, principalmente por despreparo técnico-científico (ANDRADE et al., 2016), reforça-se a importância de capacitá-los para lidar com o público climatérico, aumentando seu conhecimento acerca dos fatores que intervêm na sexualidade durante o climatério, para que possam oferecer informações e auxílio de qualidade à essas mulheres (CAVALCANTI et al., 2014).

As dificuldades dos profissionais em saúde em abordar os aspectos relacionados à sexualidade, e a limitação de informações sobre a temática, demonstra a necessidade em dar visibilidade a sintomatologia do climatério e suas relações com a vida sexual das mulheres (ALVES et al., 2015), particularmente os membros das equipes de Atenção Básica/Saúde da Família, que tem um relevante papel na educação, prevenção e intervenções em saúde e na QV

dos usuários, por sua atuação mais próxima das pessoas e do contexto familiar e social da população alvo de sua assistência (BRASIL, 2013).

Dentro desse contexto, justifica-se a importância de entender que as mulheres precisam ter acesso a uma educação em saúde, principalmente pelos profissionais de enfermagem que, comprometidos com o cuidado integral e com estratégias que visam a melhoria do desempenho sexual. O objetivo desse estudo visa identificar na literatura científica a temática sexualidade no climatério.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão integrativa, que se baseou na análise dos estudos científicos publicados nos últimos cinco anos, utilizaram-se os seguintes descritores: climatério, sexualidade e saúde da mulher. Foram encontrados estudos que afirmavam sobre a diminuição da libido, ou o não alcance do orgasmo, atrofia vaginal e ausência de lubrificação como alterações presentes nas mulheres climatéricas, podendo estar associadas à diminuição dos níveis hormonais e alterações físicas oriundas do envelhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Cruz, Nina e Durans (2017) os sintomas climatéricos podem influenciar negativamente a função sexual, corroborando com o estudo de Alves et al. (2015) que encontraram que a intensidade dos sintomas do climatério influencia negativamente o padrão de desempenho sexual da mulher. Já o estudo de Lisboa, Andrade e Azevedo (2015) aponta que ter 50 anos ou mais, estar na pré ou pós-menopausa, não ter parceiro sexual fixo, apresentar sintomas climatéricos, comorbidades, e percepção de saúde diminuída, contribuem para baixos escores de desempenho sexual.

Para muitas mulheres, as dificuldades com a sexualidade não são consideradas um problema de saúde, mesmo quando geram sentimentos negativos, o que reforça a necessidade de se melhorar as competências dos profissionais de saúde que lidam com o climatério, inclusive de um aumento da sensibilidade, para que ele, inclusive, não seja um instrumento de iatrogenia, com tratamentos desnecessários e com riscos, como é o caso da hormonioterapia (ANDRADE et al., 2016). Em verdade, a atenção à saúde sexual oferecida pelos profissionais de saúde precisa de uma abordagem positiva e respeitosa, livre de coerção, discriminação e violência e de uma atitude de respeito e proteção aos direitos sexuais, independente da

circunstância (DIAS et al., 2018).

A despeito de acometer muitas mulheres, a disfunção sexual no climatério não costuma ser investigada pelos profissionais de saúde durante a anamnese, nem tão pouco serem expressas, espontaneamente, pelas mulheres, quer seja por vergonha, quer por acharem que é algo normal e relacionado com a idade (LISBOA, ANDRADE, AZEVEDO, 2015). Ressalta-se que as disfunções sexuais podem aparecer em qualquer período, sendo caracterizadas como transitórias ou ininterruptas, agudas ou crônicas, inatas ou adquiridas e, apesar de poderem estar associadas à fisiopatologia do climatério, elas também podem ser situacionais (tipos de estímulo, situação ou parceiros) ou generalizadas (AUSTRALASIAN MENOPAUSE SOCIETY, 2016).

No âmbito da atenção integral à saúde da mulher temos a PNAISM, que atua de forma Intersetorial e com especial atenção a segmentos específicos e vulneráveis dessa população. Entretanto, é importante frisar que as ações de promoção do cuidado a atenção integral às mulheres necessitam de investimentos e requer parceria entre estados, municípios e governo federal, na formulação e implantação de uma política de direitos sexuais e reprodutivos, inclusive com a participação de movimentos de mulheres e de outros movimentos sociais (BRASIL, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, torna-se imprescindível, nesse contexto, que o profissional de saúde se adeque às necessidades dos usuários do serviço, em busca de conhecimentos inerentes às necessidades da população assistida na área de abrangência de seus cuidados, inclusive na assistência ao climatério, e realização do cuidado em saúde com abordagens que levem em consideração os aspectos sociais, econômicos, ambientais e culturais, estilo de vida, sexualidade e demais condições pertinentes a peculiaridade de cada mulher.

Palavras-chave: Climatério, Sexualidade, Saúde da mulher.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Â. R. L. et al. Nursing care to sexuality woman in climacteric: reflections from the Perspective of phenomenology. **REME • Rev Min Enferm**; v. 20:e96. 2016. DOI: 10.5935/1415-2762.20160034

AUSTRALASIAN MENOPAUSE SOCIETY. **New directions in women's health.** Information Sheet. Sexual difficulties in the menopause. 2016. Disponível em: <https://www.menopause.org.au/images/stories/infosheets/docs/AMS_Sexual_difficulties_in_the_menopause_2016.pdf>

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa** – Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher, Princípios e Diretrizes.** 1.^a ed 2.^a reimp. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília-DF. 2011.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística- IBGE. **Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2016.** Breve análise da evolução da mortalidade no Brasil. Rio de Janeiro.

CAVALCANTI, I. F. et al. Função sexual e fatores associados à disfunção sexual em mulheres no climatério. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet**, Rio de Janeiro, v.36, n.11. nov. 2014. DOI: 10.1590/S0100-720320140004985

CRUZ, E. F.; NINA, V. J. S.; FIGUERÊDO, E. D. Climacteric Symptoms and Sexual Dysfunction: Association between the Blatt-Kupperman Index and the Female Sexual Function Index. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Rio de Janeiro, v.39 n.2, feb. 2017. DOI: 10.1055/s-0037-1598603

DIAS, I.H.P. et al. Nursing assistance in the Family Health Strategy regarding feminine sexuality. **Cienc Cuid Saude**, v.17, n.1. jan-mar. 2018. DOI: 10.4025/ciencuidsaude.v17i1.37811

LISBOA, L. L.; ANDRADE, S. C.; AZEVEDO, G. D. Influência do climatério nas disfunções sexuais em mulheres com doenças reumáticas. **Rev Bras Reumatol**, v. 55, n.2, p.195–196. 2015. DOI: 10.1016/j.rbr.2014.08.008

MARTÍNEZ-GARDUÑO, M.D. et al. Intervención educativa de enfermería para fomentar el autocuidado de la mujer durante el climaterio. **Enferm. Univ.**, v.13, n.3, p: 142-150. Set. 2016. DOI: 10.1016/j.reu.2016.04.001

REZENDE et al. A sexualidade da mulher no climatério. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde** v. 17, n. 1, p:1-10. 2019.

SCHÖNHOLZER, T. E. et al. Planejamento reprodutivo de mulheres climatéricas usuárias da Atenção Primária à Saúde Mutirão. **J Nurs Health.**, v.7, n.1, p:58-66. 2017. DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.15210/JONAH.V7I1.8951](http://dx.doi.org/10.15210/JONAH.V7I1.8951)